

Da Alfaia agrícola portuguesa

(Em preparação)

POR

Fernando Galhano

(Do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular)

I

Picaretas, Alviões, Alferces

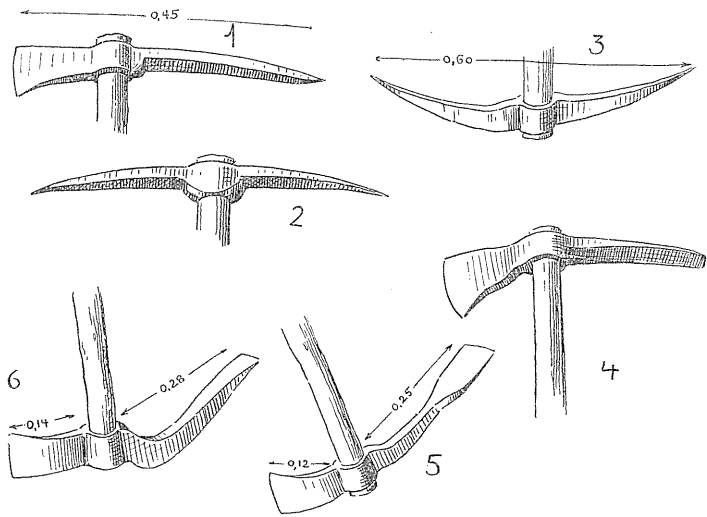
Para a surriba de terrenos duros ou pedregosos, para a abertura de covas ou valas, para o arranque de raízes, etc., empregam-se estes utensílios, robustos, sempre de cabo curto (0^m,70 a 1^m,00), e cuja forma se modifica bastante conforme o trabalho que lhe destinam e a região em que são empregados.

Podem apresentar para cada lado do olho *bicos* de igual comprimento, ou um bico e uma *unha*. Estes podem ser postos ao baixo, como no modelo geralmente espalhado e feito nas grandes oficinas industriais (Des. 1 — 2), ou se encontram postos de cutelo (Des. 1 — 3). Tais utensílios, conhecidos vulgarmente por *picaretas*, e ainda por *picabeques* (ex. Bragança) e *picachões* (ex. Vinhais), empregam-se em todos os trabalhos em que seja necessário rasgar terrenos de piçarra, duros ou pedregosos.

Outros têm uma ponta, em bico ou em unha, e um machado do outro lado do olho. Estão neste caso os *alviões* (Des. 1 — 4) com que no Minho arrancam os raizeiros das árvores, cavam os cantos ou beiras dos campos onde o arado não chega, e abrem covas para meter árvores e bacelos de vide. Também assim são

os *enxadões* ou *patarras* trasmontanos usados no arranque da carqueja e da torga (Des. 1 — 5 e 6), e certos *alferces* com que no Alentejo e Algarve arrancam a cepa (Des. 2 — 1 e 2).

Diminuindo o tamanho do machado e alargando a unha surge o *alferce de pêta* alentejano (Des. 2 — 3), e o *enxadão* da Beira Baixa (Des. 2 — 4). Muito semelhantes e usados também

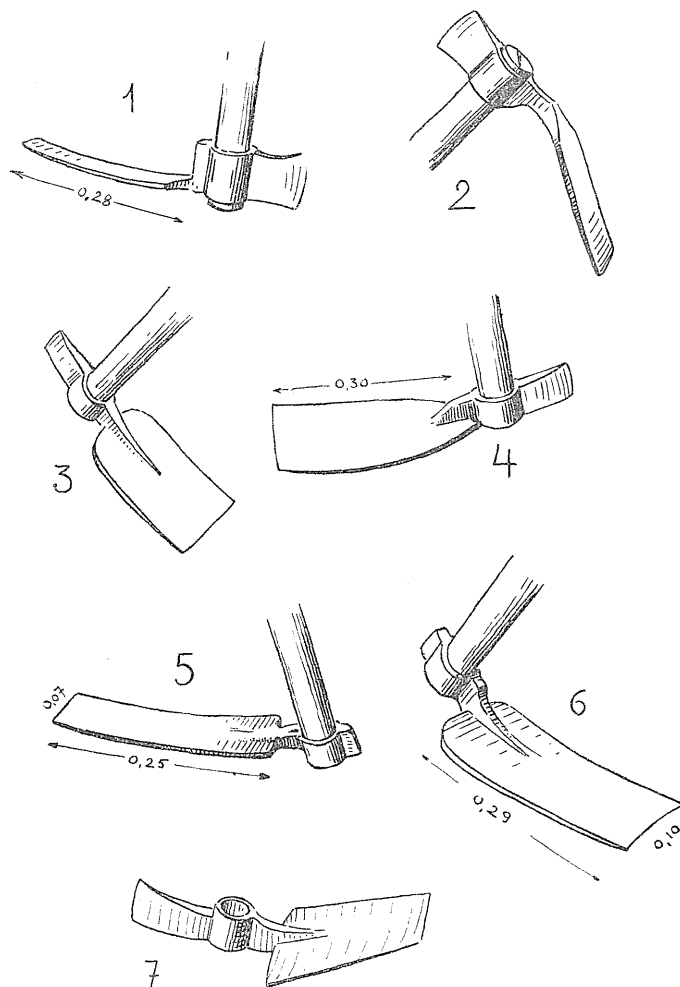


Des. 1 — 1 — *Picareta de machado*, Celorico de Basto; 2 — *Picareta de pontas*, Celorico de Basto; 3 — *Picabeque*, Bragança; 4 — *Alvião*, Braga; 5 — *Patarras*, Bragança; 6 — *Enxadão*, Bragança.

no serviço do arranque de cepa, é ainda com eles que cavam as terras bravas. São ferramentas muito fortes e pesadas (o *enxadão* do Sabugal pesa cerca de K.^{os} 4,500).

Quando o machado ou *pêta* desaparece fica então o *alferce* reduzido a uma unha forte, com larguras variáveis (0^m,07 em Aljezur, 0^m,012 em Aljustrel (Des. 2 — 5 e 6). No Alentejo ouvimos sempre chamar-lhe *alferce*; já no Algarve, além deste nome, chamam-lhe em alguns locais *alvião*.

O nome de *alvião* aparece dado por vezes a utensílios que,

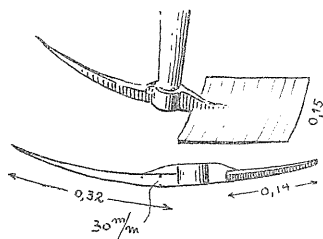


Des. 2 — 1 — *Alferce*, de Beja; 2 — *Alferce*, de Silves; 3 — *Alferce de pêta*, de Grândola; 4 — *Enxadão*, do Sabugal; 5 — *Alvião*, de Aljezur; 6 — *Enxadão*, de Montemor-o-Novo; 7 — *Enxadão de pêta*, Guarda.

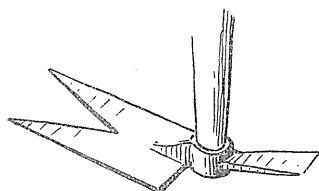
embora empregados de certo modo no mesmo serviço, não têm a robustez costumada, e aproximam-se um tanto das sacholas de

crista. Em Góis (Cimo do Alvem) por ex., vimos um *alvião* com uma pata de lados paralelos semelhante à duma sachola, munida no outro lado duma crista longa e delgada (Des. 3). Este utensílio difere do *enxadão* de pá e bico, que se encontra por Castelo Branco e na vertente S. da Serra da Estrela, apenas na forma do bico, que, nestas últimas regiões, é achatado.

Forma particular tem o *alvião* que vimos usar entre Coimbra e Mealhada no arranque de pedra e na cava da terra seca e das



Des. 3 — *Alvião*, Cimo do Alvem, Góis.



Des. 4 — *Alvião*, Souselas, Coimbra.

vinhas ⁽¹⁾. Em lugar da unha tem uma espécie de pequena e robusta *enxada* de pontas, e o bico é forte e curto (Des. 4).

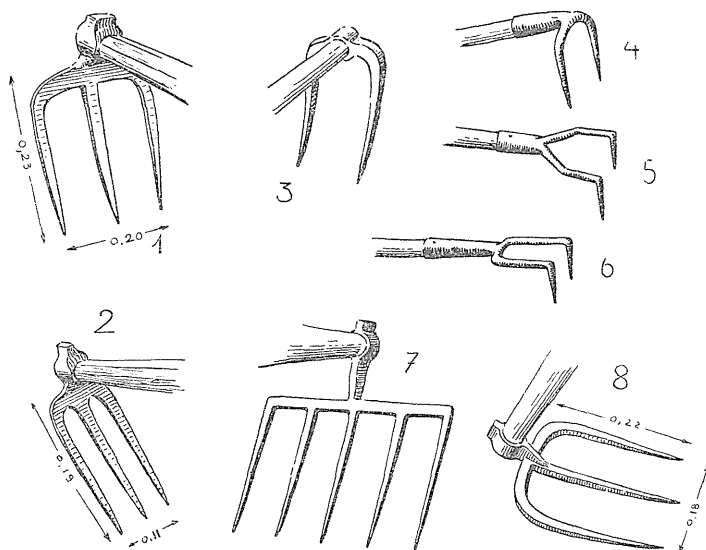
II

Ganchos ou Ganhos

O gancho é o utensílio empregado para cortar e mexer o estrume, e para o carregar sobre os carros; é com ele também que empaveiam os matos depois de roçados. Em certas regiões

(1) Nas vinhas é agora mais usado o farpão de que falamos quando tratamos das *enxadas*.

usam-no para cavar, nomeadamente áreas de terra donde queiram separar o ervanço, principalmente no preparo de hortas mais delicadas ou alfobres. É com ele também que se arranha a



Des. 5 — 1 — *Gadanho*, Celorico de Basto, Tecla; 2 — *Gadanho para sachar batatas*, Celorico de Basto, Tecla; 3 — *Gancho*, Boticas; 4 — *Caimbo*, Vila do Bispo; 5 — *Ganchorra*, Vila do Bispo; 6 — *Ganchorra*, Vila do Bispo; 7 — *Ancinho de ferro*, Moita, Alcobaça; 8 — *Gancho*, Mazedo, Monção.

terra da ferrã, do tremço, ou de qualquer semente que não goste de ficar muito funda.

O nome mais vulgar é o de *gancho*; por muitas zonas do Minho é conhecido por *gadanho*; na Serra Amarela é *picanha*. No Algarve chamam-lhe *caimbo*.

A sua forma é sensivelmente igual por todo o país, apenas varia o número e a grossura dos dentes (1).

(1) Em alguns locais do Algarve (ex. Vila do Bispo), parece haver a tendência para abandonar os de quatro dentes, e usarem mais os de dois.

Na ponta ocidental do Algarve é com a *ganchorra* de dois dentes que limpam a terra. Também no Barroso são vulgares ganchos de dois dentes. Os *garranchos* ou *ancinhos* de 2 e 3 dentes do Sul da Beira Baixa são muito empregados na cava vulgar da terra. Com cinco dentes encontrámo-lo nas terras areentas do litoral, perto de Alcobaça, onde têm o nome de *ancinho de ferro*; parece-se já, com efeito, com o *ancinho* e além do usual trabalho dos estrumes, serve para arrancar ervas ruins, especialmente o escalracho.

O número de dentes mais usual é, contudo, o de três, e como dissemos atrás, a forma é bastante constante. Na região de Basto, porém, usa-se além deste um outro gadanho mais estreito, com que sacham as batatas. O comprimento dos cabos vai de 1^m,00 a 1^m,50 (1).

Dos *farpões*, ferramenta próxima do gancho, já falamos quando tratamos das enxadas.

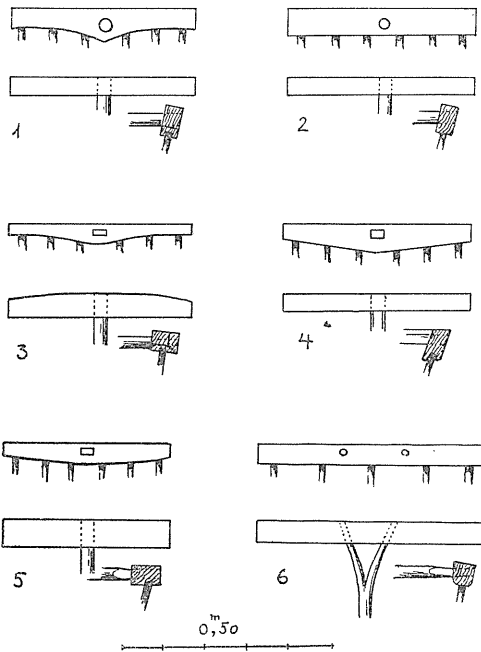
III

Ancinhos ou Engaços

São muito variados os usos dos *ancinhos*. É com eles que se acaba de desterroar e alisar as hortas, e que se arranha no Outono a terra para ervas e ferrãs. Nas regiões em que o centeio é margeado é com o *ancinho* que se espalha sobre ele a terra erguida pelo arado de margear. Nas zonas da cultura do

(1) O comprimento dos cabos acompanha o das enxadas, embora em algumas regiões onde estes são curtos o dos ganchos sejam mais compridos. Também o oitavado da sua parte inferior surge na região de Basto e por Ribeira de Pena.

milho serve para, nas eiras, juntar ou espalhar as espigas ou o grão (na acção de empurrar é usado com os dentes virados para cima). Também nas eiradas de cereais de pragana juntam com os restos de espigas e palha, ou a amontoam em molhos para a transportarem aos palheiros. É do mesmo modo



Des. 6 — 1 — Braga; 2 — Bouro; 3 — Vila Pouca de Aguiar; 4 — Celorico de Basto; 5 — Ribeira de Pena; 6 — Bragança.

indispensável nas debulhas de leguminosas. Serve ainda para apanhar folhada e agulhas de pinheiro, e juntar o mato roçado nas bouças ou a lenha miúda das podas. É ainda se emprega, em alguns locais, para arranhar a terra dos batatais (*rascanhar* as batatas, Armamar). Muitos destes trabalhos são executados indistintamente com o ancinho ou com o gancho, de que falamos noutro lugar.

No Minho e Trás-os-Montes é conhecido por *engaço*. No resto do país por *ancinho*, *rastêlo*, *rastro*, e ainda por *conhadeira* (1).

Os cabos têm um comprimento de 1^m,25 a 1^m,40, e são sempre direitos; apenas vimos cabos recurvados nos *encinhos da eira* dos arredores de Aljezur. O cabo entra no orifício redondo ou rectangular (*olho* ou *encabadoira*) da travessa em que estão



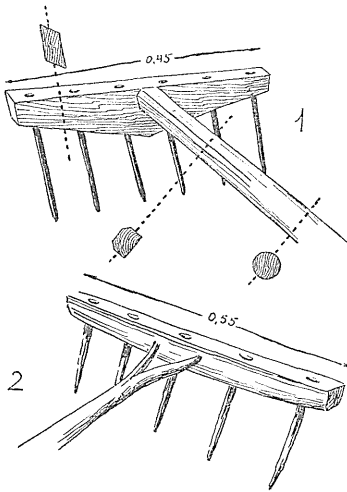
Fig. 1 — Ponte do Lima, Victorino das Donas — *Engaço das malhadas*.

espetados os dentes. À esta travessa ouvimos chamar *marra* (Braga), *pata* (Celorico de Basto) e *pá* (Ovar). Leite de Vasconcelos colheu no Barroso o nome de *travesseiro* (2) e Jorge Dias

(1) Ouvimos *ancinho* (pelo Centro e Sul do país), *encinho* (Castelo Branco), *anchinho* (Ovar), *oucinho* (Arouca, Albergaria das Cabras), *rastêlo* (algumas zonas do Algarve), *rastro* (aldeias fronteiriças a NW de Bragança), *conhadeira* (Abrantes).

(2) *Boletim de Etnografia*, 4.^o, pág. 55.

cita o termo *mango* (1) recolhido em Rio de Onor (Bragança). Estas travessas apresentam certas variações de forma, sem contudo haver grandes regiões definidas em que cada uma se empregue exclusivamente. Contudo as de lados paralelos são mais frequentes no Sul e Centro do país; por Trás-os-Montes são



Des. 7 — 1 — *Engaço de cavilhas*, Celorico de Basto;
2 — *Engaço da eira*, Bragança.

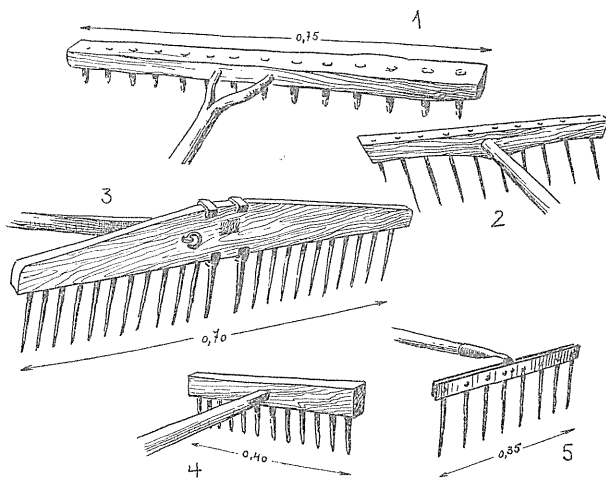
frequentemente postas ao baixo. O desenho 6 mostra várias formas usadas no Minho e Trás-os-Montes.

Para o trabalho das eiras os dentes são de preferência de pau, oliveira, quando possível. São quase sempre pauzitos redondos aguçados, e diretos (não vimos até agora quaisquer dentes encurvados). No rastro de Rio de Onor, citado por Jorge Dias, os dentes são cavacados em forma de pirâmide; isto porém é caso extremamente raro.

(1) *Rio de Onor*. Porto, 1953, pág. 246.

Para os outros trabalhos usam-se os dentes de ferro, feitos geralmente de cavilhas de fabrico industrial (1).

No Minho, onde o engaço é sempre bem acabado, chegou a haver engaços com ornatos entalhados para as grandes malhas.



Des. 8 — 1 — *Engaço do feno*, Bragança; 2 — *Ancinho para apanha das « agulhas » (caruma)*, Aveiro; 3 — *Ancinho do moço*, Aveiro — usado em tempos na apanha do moço; 4 — *Ancinho*, Ferreira do Alentejo; 5 — *Grade para carvão*.

O comprimento mais vulgar da travessa desta região é de cerca de 0^m,45 e o número de dentes 6.

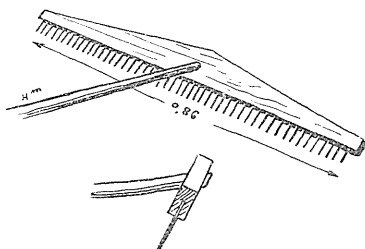
Em Trás-os-Montes, além de engaços semelhantes a estes (*engaços da palha ou da eira*, Vinhais), aparecem outros de tra-

(1) Aqui e além surgem dentes feitos de propósito pelos ferreiros locais. Assim os vimos, por exemplo, em Cinfães; (conforme o material de que os dentes são feitos assim dizem ali *engaços de pau* ou *engaços de ferro*).

Em Alcobaça chamam ao ancinho de dentes de cavilhas *ancinho de arame*.

Em Vila do Conde *ancinho* é o de dentes de pau, enquanto que *engaço* é o de dentes de ferro.

vessa mais comprida e maior número de dentes, juntos e curtos (1); são os *engaços do feno*, e é com eles que se raspa o feno das lameiras. Na ponta NW desta província é frequente aparecerem cabos que se inserem na travessa não num simples olho, mas em dois; os cabos são então bifurcados ou escachados a meio, como acontece na vizinha província espanhola de Zamora.



Des. 9 — *Ancinho do Moliço*, Pateira de Fermentelos.

Para o Sul o ancinho tem maior número de dentes (de 9 a 12); é frequente a existência de ancinhos de dois tamanhos no trabalho das eiras.

Na apanha de agulhas de pinheiro usam em Aveiro um ancinho de dez dentes de ferro muito juntos (Des. 8-2). Para o mesmo fim vimos em Abrantes um de quatro apenas, a que chamavam *ancinho de carumba*.

O ancinho todo de ferro, que não é provávelmente muito antigo (2), está agora espalhado onde há cultivo de horticultura. Em algumas zonas do litoral estremenho (Ourém, Alcobaça, etc.), vimos ajeitar a terra de sementeiras com ancinhos de ferro de dentes largos, semelhantes aos que usam os cantoneiros para

(1) Em Cova da Lua, Bragança, a travessa tem 0^m,75, e os dentes são 16, com 0^m,09 de comp.

(2) O próprio uso dos dentes de ferro nos engaços das aldeias mais pobres e isoladas é raro ou não existe.

mexer cascalho; o mesmo utensílio vimos empregar em Sines. Não é certamente um utensílio tradicional.

Em alguns trabalhos subsidiários da agricultura usam-se também ancinhos de formatos particulares; tais são as *grades* alentejanas para «desempoarem» o carvão de madeira, os ancinhos dos *moliceiros* da Ria de Aveiro ou dos *sargaceiros* da Póvoa e Esposende, etc. Esses utensílios serão porém descritos conjuntamente, em capítulo à parte.